

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Estado de S. Paulo

Class.: 18

Data: 04/10/76

Pg.: 42

# Índios do Pará já fazem seu comércio sem tutela

**LÚCIO FLÁVIO PINTO**  
Correspondente em Belém

Depois de dois anos, o triste ritual do Tep deu lugar finalmente à festa do Hok — a festa da alegria — entre os índios gaviões, ao comemorarem um final de safra de castanha, em sua aldeia a 30 quilômetros de Marabá, a mais importante cidade paraense do Vale do Tocantins. Pela primeira vez, eles produziram, administraram e comercializaram, sozinhos, 2.200 hectolitros da castanha do Pará.

Um ano antes, essa façanha era considerada impossível a Funai era quem realizava a administração e a comercialização da produção dos gaviões, considerados incapazes de realizarem essas operações. Porém a antropóloga Iara Ferraz, da própria Funai, acreditava que, se eram capazes de produzir, os índios podiam também vender e administrar a produção. Por isso, propôs um projeto de emergência para a coordenação da safra de castanha de 1976. No seu primeiro ano de aplicação, o projeto oferece alguns riscos para o futuro, mas sem dúvida excelentes resultados para os gaviões do Oeste, que habitam uma área de 52 mil hectares.

Pelo projeto antigo, cada índio deveria receber este ano 1.487 cruzeiros, como resultado dos 35 cruzeiros que a Funai pagaria para cada hectolitro (dos 3.500 que constituiriam a produção global prevista, pouco mais de mil seriam obtidos pelos 35 castanheiros índios e os restantes pelos "civilizados").

Desde 1967 a Funai vinha aplicando esse esquema para realizar a exploração e a comercialização dos ricos castanhais existentes no Posto Indígena Mãe Maria.

Da renda obtida com a venda da produção, a Funai descontava os trabalhos de limpeza e preparo dos castanhais, pagamento dos castanheiros, compra de equipamentos e outras despesas. Do saldo líquido obtido (o deste ano seria de 94,5 mil cruzeiros), 45% eram reinvestidos no Posto Mãe Maria, 45% aplicados na assistência comunitária a outros grupos indígenas e os 10% restantes em obras específicas.

Há porém, quem critique esse critério de distribuição. Para o antropólogo Fred Spati, o usufruto exclusivo aparece no Estatuto do índio sempre vinculado às terras ocupadas pelo grupo tribal.

Depois de ter convivido um mês com os gaviões, Spati assegura que os índios sentiam-se enganados porque o lucro da castanha não era reinvestido e porque nunca tiveram controle efetivo da safra. "Raramente vi uma vontade tão firme de se inteirar de mecanismos formais de contratação e controle como entre vários índios gaviões já plenamente alfabetizados.

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Estado de S. Paulo

Class.: 18

Data: 04/07/76

Pg.: 42 (cont.)

### Consumo altera identidade

Com a nova experiência, em que os gaviões, ajudados apenas pelo chefe do posto Mãe Maria, Saulo Petean, e pela antropóloga Iara Ferraz, deixaram de se subordinar ao regime tutelar da Funai, agora há não apenas mais dinheiro à disposição da tribo, como também planos de aplicação.

O índio Kokremun diz que seus irmãos pretendem fazer um empréstimo bancário em Marabá para formar pastagens, comprar mais cabeças de gado (têm sete atualmente) e financiar a safra de castanha do próximo ano. Gerencialmente, a autonomia dada ao índio mostrou-se benéfica: eles conseguiram preços melhores do que os obtidos pela Funai, pagaram todos os custos de produção, têm dinheiro suficiente para financiar a próxima safra e cada um deles obteve uma renda maior.

Qual a repercussão dessa nova situação na vida das tribos? Fred Spati notara que a atividade anterior já havia implantado entre os índios "a mentalidade do lucro individual e familiar". A comunidade passara a encarar a castanha como a grande possibilidade coletiva de enriquecimento; por isso, a vida da tribo girava em torno da castanha durante metade do ano.

Argumentando contra os que defendem apenas o aumento da produção na área e seu "desenvolvimento", Spati adverte que um posto indígena "não é simplesmente uma agrovila da Transamazônica, onde a otimização da produção em padrões desenvolvimentistas ocupa o primeiro e único lugar. Reconhecem-se ao índio plenos direitos que derivam do reconhecimento implícito de ele pertencer a outro mundo, autóctone, americano e alheio ao nosso".

"Contaminados" pela busca do lucro e pela ânsia de consumir, os índios da aldeia Mãe Maria, situada à margem da estrada que vai de Marabá à Belém-Brasília, já estariam se diferenciando dos gaviões que habitam aldeia situada num

local mais afastado da estrada e com menos contatos com a "civilização". Na primeira aldeia há duas máquinas de escrever e calcular, fogão a gás e é comum o uso do dinheiro, inexistente na outra aldeia. Além disso, os índios do Mãe Maria realizaram troca desastrosa de bens: as camas substituíram as redes embora não possam ser lavadas e sejam mais incômodas; adotaram o fogão a gás, de cara manutenção comparado ao fogão a lenha.

Krua, o gerente da tribo, usa relógio Seiko, óculos último modelo, esferográficas, pasta 007 e cigarros Marlboro. O chefe Kokremun sempre que pode está ouvindo músicas no seu gravador Phillips. Constantemente os índios sentem-se em situação embaraçosa por causa dessa falta de identidade. Um índio via-se em dificuldades para lavar a castanha num igarapé sem molhar sua roupa e José Jokrano, que assistiu a cena, gritou para ele: "Tu é índio, lava nú". Todos riram: mas a observação foi considerada apenas uma piada.

O mais grave, porém, é a progressiva diferenciação

entre os dois grupos Gaviões: os da aldeia da Ladeira Vermelha, mais protegidos da estrada, mantêm maior unidade e identidade tribal, enquanto os de Mãe Maria são mais abertos às influências. Porém é nos rendimentos da castanha que eles mais se distanciam. Como há menos índios castanheiros e menor produção na Ladeira Vermelha, ela obteve na safra deste ano CR\$ 78.950,00, o que dá a cada índio CR\$ 5.264,00. Já para Mãe Maria a safra deste ano representou CR\$ 173.580,00, possibilitando que cada castanheiro da aldeia ganhasse CR\$ 8.679,00.

O distanciamento torna-se ainda mais acentuado em relação aos índios Suruí, que habitam uma pequena área a 100 quilômetros de Marabá. Apesar de incluídos no novo projeto, eles se situam numa posição marginal, irrelevante. Sua produção para este ano foi de apenas 26 hectolitros e se os gaviões não se decidirem a conceder-lhes mais que aquilo a que eles têm direito, os Suruí, que não possuem boas terras e castanhais, se empobrecerão gradativamente.

